

ANA PLÁCIDO E BRAGA *

MARIA NADALETE FARIA



0. INTRODUÇÃO

No trabalho de tese de mestrado «Camilo e Braga», mostrámos a ligação do Escritor à cidade. Como é evidente, houve que percorrer, para esse fim, muitas e várias das suas obras, especialmente *No Bom Jesus do Monte* e *Maria da Fonte*.

Sabemos que ficou incompleto, não só pelo tema se não esgotar nas obras consultadas, mas também pela óbvia omissão de pormenores estritamente relacionados com Ana Plácido.

Muitas vezes pensámos em completá-lo, até que o nosso professor

* Conferência proferida por iniciativa da Biblioteca Pública de Braga no Museu Nogueira da Silva, da Universidade do Minho, em 28.9.1995, integrada no programa da

orientador da tese, Prof. Doutor Costa Lopes, nos lembrou a oportunidade de o aumentar no ano centenário da morte de Ana Plácido (1995).

Contribuiu também para isso o incentivo do Dr. Henrique Barreto Nunes, responsável pela Biblioteca Pública de Braga/Universidade do Minho, ao aceitar a nossa intervenção nos actos comemorativos do referido centenário.

Para tanto, revolvemos todos os apontamentos da nossa pobre “camiliana”, consultámos mais bibliografia e lançámo-nos à tarefa que levámos a cabo com todo o empenhamento, na certeza de que as circunstâncias não nos permitiram fazer todas as necessárias investigações.

Resta-nos expressar a homenagem sentida e reconhecida ao grande camilianista Dr. Manuel Simões pelo interesse com que deu o seu aval ao trabalho “Camilo e Braga”, não só por ocasião da defesa da tese (pertenceu ao respectivo júri), como também pelos subseqüentes encontros, nos quais foi versado o tema.

comemoração, em Braga, do centenário da morte de Ana Augusta Plácido.

O texto agora apresentado reproduz, com poucas alterações o original da conferência. Acrescentamos as notas bibliográficas e adoptamos a actual ortografia oficial.

Siglas utilizadas:

AC – Alberto PIMENTEL, *Os Amores de Camilo*, 2.^a ed., Lisboa, Livraria Editora Guimarães & C.^a, 1923.

CCCB I e II – *Correspondência de Camilo Castelo Branco*, recolha, prefácio e comentários de Alexandre CABRAL, Lisboa, Livros Horizonte, 1984: vol. I (*Com os irmãos Barbosa e Silva*) e II (*Com os Irmãos Barbosa e Silva e com Sebastião de Sousa*).

CICA – VISCONDE DO MARCO, *Cartas Inéditas de Camilo e de D. Ana Plácido*, 2.^o milhar, Lisboa, Livraria Popular, 1933.

DAA – *Dois Anos de Agonia / Cartas de Camilo e de Ana Plácido a Freitas Fortuna*, prefácio e notas de Júlio DIAS DA COSTA, Lisboa, Livraria Editora Guimarães & C.^a, 1930.

DCCB – Alexandre CABRAL, *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Editorial Caminho, 1989.

LCF – Ana Augusta PLÁCIDO, *Luz Coada por Ferros*, 2.^a ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1904.

MTC – Alberto PIMENTEL, *Memórias do Tempo de Camilo / A. A.*, Porto, Companhia Portuguesa Editora / Magalhães & Moniz, Ld.^a – Editores, 1913.

PCAP – ROCHA MARTINS, *A Paixão de Camilo (Ana Plácido)*, 5.^o milhar, Lisboa, ed. do autor (Oficinas Gráficas do «ABC»), s.d..

RIC – *Revista de Investigação Criminal*, Porto, Directoria da Polícia Judiciária (Centro de Cultura e Desporto). Servimo-nos do texto aí apresentado por Júlio SANTOS sob o título «Camilo Castelo Branco perante a Justiça ...».

VD – *A Via Dolorosa / 1859-1860*, Lisboa, Livros Horizonte, 1979.

1. LIGAÇÃO DE ANA PLÁCIDO A BRAGA

1.1 PELA FAMÍLIA: PROGENITOR, IRMÃ MARIA JOSÉ E CASAMENTO DE NUNO CASTELO BRANCO

Pretende-se, com esta conferência, evocar a memória da mulher que, nos meados do século XIX, viveu, em Braga, ainda que de passagem, momentos felizes e dramáticos, os quais aumentaram e enriqueceram as páginas culturais da Roma Portuguesa.

Convém desde já advertir que ninguém se pode dizer conhecedor suficiente da vida e obra de Camilo sem conhecer a vida e os escritos de Ana Plácido. Nesta perspectiva apresentamos este trabalho, sem querer diminuir aquela cujo “defeito” foi amar o homem que se lhe referiu nestes termos: «Em grande amor te dei grande amargura.../ Fui teu verdugo, mas verdugo amando-te» (soneto «Raquel») ¹.

Segundo, então, as pegadas de Ana, vamos reflectir sobre o tipo e os motivos da sua ligação a Braga, e lugares que ela percorreu e que lhe deixaram marcas na vida, na personalidade e nos escritos.

Quem foi então Ana Plácido? Que sabemos da sua infância e juventude, do início do relacionamento com Camilo, e da personalidade da escritora?

Antes de entrarmos propriamente no tema, gostaríamos de lembrar, como pano de fundo a esta reflexão, o ambiente romântico da época, tal como no-lo pinta Rocha Martins: «poetas (...) com seus ares sonhadores, pálidos, olheirentos mais pelas indigestões das ceias do que por seus males de alma» ²; bailes burgueses onde «mal se falava pelo receio de parecer mal ou fraco entendedor dos trechos musicais» ³; cantares de certas damas, nos salões de festa, a fazer estremecer os corações apaixonados; grupo de românticos, vates a versejar às meninas de boas maneiras, educadas em colégios...

Segundo Alberto Pimentel, o «burguês não gostava dos bailes e das suas liberdades, porque partia do princípio de que é sempre perigoso deixar aproximar do fogo a estopa» ⁴. Ora, neste acautelado contexto burguês, surgiu Camilo com a «originalidade de seus artigos cheios de fogo ou de arsénico»; e, «vivendo sempre entre dois ou três amores, volúvel, irrequieto, inconstante no seu apurismo de janota, devia tornar-se, para os burgueses, o símbolo da fauna ultra-romântica que ou endeusava as mulheres ou as descompunha em platónicas maldições nos folhetins das gazetas» ⁵.

Entre as donzelas da época, aparece Ana Plácido, que, pela sua rara beleza e juventude, encantou Camilo, detestado jornalista da época. Era filha de Ana Augusta Vieira e de António José Plácido Braga, comerciante diligente, que lidava dia e noite para sustentar os seus numerosos filhos. Ligado, no

entanto, a Braga por nascimento ⁶, casou e viveu grande parte da sua vida no Porto, tendo perecido no naufrágio de um vapor em 29 de Março de 1852.

Maria José, irmã mais nova e predilecta de Ana, faleceu em Braga, ainda muito jovem, de tuberculose pulmonar, em 23 de Outubro de 1858. Assim se lê no respectivo assento de óbito:

Aos vinte e três dias do mês de Outubro de mil oitocentos e cinquenta e oito faleceu de repente sem dar tempo para receber Sacramento algum e com testamento feito em Nota, Dona Maria José Plácido, solteira, filha que ficou de António José Plácido Braga e de Dona Ana Augusta Vieira Plácido, natural da Cidade do Porto, e actualmente residente na Rua de São Marcos, desta freguesia de São João do Souto, para onde veio tomar ares. Foi seu corpo envolto em hábito de Nossa Senhora da Conceição, e conduzido em caixão para a Igreja de Nossa Senhora da Lapa, onde teve um ofício de sepultura e foi depois sepultado no Cemitério da mesma Igreja, na Cidade do Porto. E para constar fiz este assento era ut supra.

O Abade Manuel António da Costa ⁷.

Os jornais bracarenses *O Independente* e *O Bracarense* dão conta do falecimento, com mais ou menos pormenores – o primeiro na edição do dia 25 de Outubro, e o segundo em 26.

Bastante tempo depois, quando Camilo vivia em Ceide com Ana Plácido, Braga viu realizar a cerimónia do casamento de seu filho mais novo, Nuno, com Maria Isabel da Costa Macedo, a quem alcunhavam de «Brilhante Negro», por descender de mãe mulata e de avó preta. Camilo, com o seu habitual chiste, apelidou-a de «tricentenária», pelo apregoado e pesado dote de trezentos contos.

Recorde-se também que Maria Isabel fugiu, em 4 de Maio de 1881, da casa de seu vigilante António Joaquim Ferreira Tinoco, onde vivia por ser órfã. Por detrás do acontecimento esteve o cérebro de Camilo a mandar executar a fuga... ⁸.

Depois do escândalo e obtido o consentimento do conselho de família para o consórcio da menina, o Escritor conseguiu um ilustre padrinho de casamento na pessoa do velho amigo Jerónimo da Cunha Pimentel, governador civil de Braga; e serviu de madrinha, Bernardina Amélia, filha de Camilo e de Patrícia Emília. O acto solene foi notícia nos jornais, já que a cerimónia teve retumbância em Braga, até pelas pessoas ilustres que estiveram presentes, incluído o conselheiro Tomás Ribeiro, governador civil do Porto, chegado de comboio expressamente para assistir à boda. Assim se lê n'*O Constituinte* de 4 de Junho de 1881:

Casamento.

Casaram, na quinta-feira última, os snrs. Nuno Plácido Castelo Branco e D. Maria Isabel da Costa Macedo.

O casamento fez-se na paroquial igreja de S. Pedro de Maximinos desta cidade. Assistiu-lhe o respectivo abade. Foram padrinhos os srs. dr. Jerónimo da Cunha Pimentel, governador civil deste distrito, e a ex.ma snr.^a D. Amélia Castelo Branco.

Os ilustres pais do nubente, várias pessoas de sua família, parentes e alguns amigos dedicados foram presentes à cerimónia, que foi realizada pelas 10 horas da manhã.

Em seguida foram todos para o Bom Jesus do Monte, onde no Grande Hotel lhes foi servido um almoço esplêndido, de iguarias diferentes, suculentas, fartas, bem preparadas. Foi um banquete. Os vinhos eram também excelentes e de várias qualidades.

Entre os assistentes àquela festa de família estavam os snrs. governadores civis de Braga e do Porto, dr. João de Mendonça, o conservador de Vila Nova de Famalicão, dr. Filémon e sua senhora. Pinto Basto e senhora, abades de Arnoso, de Maximinos, e pároco de Ceide.

Fizeram-se varias saúdes durante a comida, sendo as mais notáveis pelo número, qualidade e primor as dos snrs. Tomás Ribeiro e Camilo Castelo Branco que se esmerou em ser agradável a todos os seus convidados.

O passeio e os ares puros daquele lugar encantador dispuseram alguns dos convivas a continuarem mais tarde a dar gosto às iguarias do Grande Hotel, enquanto outros recolheram mais cedo à cidade ou foram para mais longe.

Pelo resto da tarde desceu tudo do Monte e cremos bem que quantos estiveram naquela reunião, tão familiar, tão íntima e tão alegre, ficaram com grata lembrança daquele dia.

Ouçamos agora Camilo, sobre a nora, numa carta a Tomás Ribeiro: «Rapariga de 16 anos, não feia e doze contos de renda. Ambos muito ignorantes. Olha que grande felicidade ó Tomás Ribeiro». E não fica por aqui a desilusão relativamente à Maria Isabel, ainda conforme palavras do próprio Escritor: «Quanto a fortuna a coisa está muito aquém das atoardas públicas: tem 7 contos de renda ou 150 contos. É uma rapariga estimável com uma inteligência rudimentar»⁹.

1.2 PELO SEU RELACIONAMENTO COM CAMILO



Camilo, Ana Plácido e o filho Manuel Plácido.
(Fotografia amavelmente cedida pelo Centro de Estudos Camilianos, de V. N. Famalicão).

Voltando de novo à escritora: se o dinheiro, ou melhor, se o dote de Isabel desencantou Camilo, a fortuna de Manuel Pinheiro Alves pôde “comprar” Ana Plácido ao pai, segundo os costumes da época. Apesar de a sua beleza atrair os jovens de boas famílias e da sua idade, a riqueza era a marca da diferença entre eles – jovens – e Pinheiro Alves¹⁰. E, como poderosa que é, a riqueza compra tudo, além da honra. Então, o senhor Braga, pai de Ana, prometeu-a a Manuel Pinheiro Alves, homem de abastado poder financeiro, com negócios na cidade do Porto¹¹.

Pelo princípio da obediência, Ana casou, aos dezanove anos, com aquele homem de quarenta e três anos.

E, embora os biógrafos sejam unânimes em afirmar que o marido a tratou sempre com os maiores desvelos, Ana viveu cheia de tédio, de alma pungida, sacrificada ao homem que ela própria classificou de «repulsivo». Ouçamo-la em *Luz Coadá por Ferros*:

Nessa idade feliz, a primeira das virtudes é a obediência. Trespas-sam-te a um homem repulsivo, quando mal conheces a magnitude do sacrifício e o valor da mercancia.

Quando te é dado compreender a melancólica existência, a que te condena a cobiça previdente de um pai cuidadoso em demasia no porvir de seus filhos, é já tarde...¹².

O marido de Ana só lhe podia falar de negócios, câmbios, e nunca de livros. Camilo, pelo contrário, nesse tempo, despertava a curiosidade do público pelos seus escritos: poesia, teatro, jornalismo. Se, por um lado, durante a aprendizagem das Letras, por volta de 1850, podemos afirmar que Camilo alimentou loucuras amorosas, cometendo irresponsabilidades, por outro lado, uma nova fase ia principiar: um amor mais ou menos responsável, forte, assumido, capaz de ultrapassar todas as barreiras, isto é, um amor que lhe absorveu a existência – Ana Plácido.

Naturalmente, gostaríamos de saber quando começou este “romance-drama”, com rigor de datas e local, mas ficou no segredo de ambos e possivelmente da irmã Maria José, e de José Barbosa e Silva, amigo íntimo de Camilo. Sabe-se, no entanto, que o primeiro encontro deixou em Ana Plácido uma imagem espectacular ou até mesmo fantástica, algo semelhante ao encontro de Cinderela com o príncipe. Esta recordação primeira, Ana Plácido descreve-a, em *Luz Coadá por Ferros*, com verdadeira fantasia e fascinação:

Em uma sala de baile, no meio do esplendor das luzes e do aroma rescendente de mil vasos entumecidos de flores, uns olhos disseram-me ao coração «vive» – um sorriso fez-me estremecer todas as fibras que estavam intactas.

Diluiu o tempo muitas ideias jubilosas da antemanhã deste dia,

desfizeram-se muitas impressões da infância, destas que ficam sempre gravadas na alma; os anos correram morosos na tempestade, a vereda oscilou em vulcânicas convulsões; mas esta visão primeira do amanhecer, aquele olhar caído em seio virgem, jamais pôde ser esquecido!...¹³.

Dá-se como certo que as relações amorosas de Ana e Camilo, a julgar pela correspondência travada entre o Romancista e os irmãos Barbosa e Silva, começaram em 1856, em data indeterminada. Dêmos crédito às palavras de Camilo, as quais se inserem na carta, de 5 de Janeiro de 1857:

Olha: há meses, 2 ou 3, houve uma bela mulher que me chegou à alma. Cuidei que ressurgia! Amei-a tanto, sonhei-a, adorei-a, consubstanciei-a comigo, tracei um caminho de flores no meu porvir com ela. E vai depois, prendo-lhe os olhos e o coração, reconheço-a ferida do mesmo golpe, e instantaneamente vem a desanimação, o gelo, o estado normal! Sabes como se fica depois destas vibrações galvânicas? Se sabes... E era tão linda, tão cheia de sentimentos grandes! Gosto tanto de ler ainda hoje as cartas dela, onde transluz fé, e inocência! Fé em mim!¹⁴

A acreditar nestas palavras, a solicitude amorosa começou a partir de certa data: «há meses, 2 ou 3» significa que o encontro se deu em Outubro ou Novembro de 1856, e não em 1850, como quer a maior parte dos biógrafos camilianos. Alexandre Cabral dá como «provável que o assédio de Camilo viesse já de 1855»¹⁵.

Seja como for, pensamos que, no ano de 1856, ambos iniciaram o romance adúltero.

1.2.1 LUGARES POR QUE PASSOU

1.2.1.1 *Bom Jesus do Monte*

Não será despropositado lembrar aqui a obra de Camilo *No Bom Jesus do Monte*, porque esta põe em relevo as vivências e reminiscências dos momentos felizes que ambos tiveram (Camilo e Ana) em Braga. Por desfastio e conveniência de circunstâncias, somente referiremos um trecho da obra mencionada, respeitante ao enlevo dos dois amantes.

Assim, o narrador (Camilo), situando Ana Plácido diante de nós, faz a sua apresentação como se de um quadro se tratasse:

Estava ela sentada num cômodo tapeçado de relva.

Ao seu lado, com a fronte pendida ao ombro dela, estava a irmã, quinze formosos anos, um coração de Deus.

Olhavam ambas contra as agulhas do Gerês toucadas de névoas.
 E eu, que pedia ao Senhor um sorriso daquela mulher, e depois o sono do infinito esquecimento, abria uma letra num tronco, e dizia no recesso de minha alma:
 «Ela há-de vê-la»¹⁶.

Envolvidos num amor proibido, Camilo e Ana encontraram, no local do Bom Jesus do Monte, a solidão, o ar e o silêncio necessários para o devaneio. A doença pulmonar de Maria José, irmã de Ana, acobertou as frequentes deslocções dos dois amantes ao Bom Jesus.

Tais situações foram recordadas por Camilo numa carta dirigida ao visconde de Ouguela, seu amigo, segundo a transcrição de Maximiano Lemos:

Estive no Bom Jesus dez minutos, mas foi o bastante para que a Europa me contemplasse. As dores que eu então senti eram tamanhas que apenas me sustinha amparado ao braço de D. Ana Plácido. Fomos ali porque vamos lá todos os anos, no dia 14 de Julho, ver uma inicial que eu ali abri numa árvore há vinte anos¹⁷.

1.2.1.2 *Convento da Conceição*

Retomando o que atrás dissemos, em 1856 Camilo e Ana iniciaram o seu romance. Em 1857, o «comadrio portuense», como lhe chamou Alexandre Cabral, «fazia soalheiro das escandalosas e frequentes surtidas que o escritor fazia à residência de Pinheiro Alves, na ausência do dono da casa. É o próprio Camilo quem desabafa ao fiel e dedicado confidente de Viana que, por mais de uma vez, estivera a pique de ser apanhada em flagrante pelo marido»¹⁸.

Em 11 de Agosto de 1858, na residência de Manuel Pinheiro Alves, nasceu o primeiro filho de Ana Plácido. O marido desconfiou de adultério, ou teve a certeza, pelo falatório e por denúncias que lhe fizeram¹⁹. Para abafar o escândalo, Pinheiro Alves censurou-a e fê-la optar pelo recolhimento – ou numa das casas de três amigos muito próximos, ou num convento. Ela, porém, escolheu a casa portuense de Agostinho Francisco Velho, o qual não conseguiu impedi-la de manter contactos com Camilo. Decorridos alguns dias de permanência nessa habitação, Agostinho Velho reuniu-se com outros senhores de prestígio e amigos de Pinheiro Alves para lhes comunicar a disposição de Ana Plácido em relação a Camilo²⁰.

Ana abandonou a casa de Francisco Velho e, durante algum tempo, domiciliou-se também no Porto, à rua de Cedofeita, numa outra habitação, «onde Camilo já lhe havia preparado aposentos», como nos relata Alberto Pimentel²¹.

Aí viveram maritalmente e, como se sentissem castigados pela malquerença geral e pelo abandono de Pinheiro Alves, decidiram refugiar-se em Lisboa, onde se debateram com duas situações preocupantes: por um lado, Camilo não conseguia suportar os gastos de Ana Plácido, senhora de hábitos burgueses; por outro, segundo revela Alberto Pimentel, os dois amantes sentiam-se inseguros, com medo da mais que provável perseguição movida por Pinheiro Alves ²².

Em situação ilegal e sem recursos, Ana Plácido aceita o recolhimento conventual. Finge captar os aplausos do marido e da opinião pública, somente para reaver parte da herança recebida dos pais ²³.

Depois de diligências várias, que hoje, por brevidade, omitimos, concluiu-se pelo internamento no Convento da Conceição em Braga, onde deu entrada em 27 de Junho de 1859 ²⁴.

Já em Braga, mas fora do convento – Bom Jesus e cidade –, Ana Plácido aguardava os arranjos, por ela exigidos, na cela que lhe foi atribuída. A propósito, dá notícias agradáveis ao amigo Francisco de Paula, em carta de Braga, 22 de Julho de 1859:

Hoje, (...) apresso-me a responder à sua carta, e sossegá-lo enquanto às minhas ideias. É verdade que alguma coisa houve com a irmã do Capelão, mas posso asseverar-lhe que tenho sido tratada com uma distinção particular não só pelas religiosas do convento da Conceição, mas de dois mais ou três aonde me seria fácil a entrada.

(...) Rogo-lhe portanto que mande os trastes que têm de vir e dê ordem à pessoa que tem de fornecer-me os meios não só para as minhas despesas mensais, mas os extraordinários como eu já falei a V. S.^a (...) Desminta essas cartas que vão de aqui, e creia que sou sempre uma mulher de carácter firme nas convicções e ideias ²⁵.

Depois de ver a cela convenientemente arranjada, entrou, como dissemos, em 27 de Junho de 1859.

Enquanto Ana perseverava no relacionamento amoroso com o Romancista, este afrouxava, perante o sentimento de culpa e a esperada severidade da lei. Ela, dando conta disso, escreve em *Luz Coada por Ferros* (romancezinho «Martírios Obscuros», cuja acção se localiza principalmente no convento bracarense):

Achava-me eu neste lance, há dezoito meses. (...)

Um dia, cheguei à portaria dum convento quase em ruínas. Aberta essa porta, que ia roubar uma jóia inestimável ao meu tesouro de afectos, arrancaram-me o meu filho de sobre o coração, sôfrego daquele bem; apertaram-me braços desconhecidos onde caí sem alento, soltando um gemido abafado como em resposta ao chorar do anjo que me estendia os bracinhos através das grades ²⁶.

Ao mesmo tempo, no seu diário intitulado «Folhas de um album», escrevia apenas isto: «– Agonia – / 27 de Junho de 1859. / 7 horas da tarde»²⁷.

Apesar de limitada ao espaço físico do edifício e da cerca do convento, Ana instalou-se comodamente, segundo as suas exigências, a julgar pelo depoimento de Manuel Justino Ferreira de Sousa Cruz, ouvido em 1860 no Tribunal das Audiências de Braga, quando decorria o julgamento de Ana Plácido e de Camilo²⁸.

Uma vez instalada na sua câmara, quis D. Ana vasos de flores na janela. Assim se procedeu, e os primeiros dias passados no convento sucederam-se tranquilos²⁹.

Mas, em 30 de Junho, a senhora recolhida envia uma carta a Francisco de Paula a queixar-se das regras do convento em relação ao filho e às visitas que pretendia receber livremente na grade, incluindo as visitas de D. Manuel da Prelada, distinto fidalgo do Norte³⁰. Tais lamentações de D. Ana são por demais compreensíveis (conforme há dias nos foi lembrado, um convento não é propriamente um hotel...).

A sua posterior tranquilidade derivou de ter conseguido a coabitação do filho no convento. É interessante notar que Ana Plácido não deixa de ser sincera e justa na apreciação que faz das senhoras e da abadessa do convento, conforme sua carta de 12 de Julho a Francisco de Paula:

Pela minha última, e pela carta do Snr. Ferreira está V. S.^a inteirado de que sou obsequiosamente tratada por todas as senr.^{as} desta casa, tanto que consegui a estada do meu filho até à chegada do breve. Já vê V. S.^a que está removida a única causa do meu desgosto, e que não há razão para me retirar daqui. Enquanto à prevenção que devo ter na escolha das pessoas que me visitam, é esse um cuidado que não agradeço a ninguém, porque conheço demasiado o mundo e rio-me das zumbaias e respeitos que desprezo.

(...) A Snr.^a Abadessa fez-me ver que eu não podia estar sem duas criadas, e cedeu-me uma das suas quando conheci que era preciso para não fazer figura triste a par das outras recolhidas³¹.

Camilo, instalado no Porto, não aguentou a separação. E, emocionalmente conturbado, fez chegar a sua correspondência à amante, servindo-se de um subterfúgio: assinar «Ermelinda Pereira da Costa». Fortemente apaixonados, trocaram entre si cartas e telegramas sucessivos e em número avultado.

Estava iniciada, para os dois, a «via dolorosa». Foi com esta designação que os próprios – Camilo e Ana Plácido –, qualificaram os cento e trinta e cinco telegramas nos quais relatam a sua vida atribulada, entre 1859 e 1860³².

Protagonistas da sua própria novela, trocaram entre si quarenta e oito telegramas, apenas em vinte e nove dias, isto é, de 6 de Julho a 3 de Agosto de 1859.

Dentro da casa religiosa, ela enfrentou corajosamente o sofrimento causado pela separação do amigo, e ainda lhe tolerou o carácter instável³³. Em telegramas de 8 e 14 de Julho, respectivamente, confessa: «Creio na felicidade prometida por ti e por Deus», «eu estou hoje mais apoquentada com a dor, mas alegre e crente no futuro»³⁴.

Mas, com o exacerbar das emoções, cresceu o desejo de pôr cobro à separação: os dois amantes começaram a viver intensamente a novela Camilo – Ana; e, no enredo complicado da correspondência, a acção caminha a passos gigantes para o clímax – o encontro dos dois, o *happy end* de pouca duração.

Camilo, à maneira romântica, propõe a fuga do convento, fuga que Ana deseja e aceita sem reservas, como se vê por esta mensagem de 3 de Agosto: «Manda-me a sege. Amanhã devo estar no Porto. Resolvi guardar minha vida e hei-de sustentá-la custe o que custar»³⁵.

Horas depois, no mesmo dia, Camilo responde: «Espero-te onde te disse. Vens para a tua casa na Picaria»³⁶.

Ana Plácido abandonou, pois, o convento, sem dar satisfação aos amigos nem a Francisco de Paula da Silva Pereira, o qual se lamentou do facto numa carta enviada a Manuel Pinheiro Alves³⁷.

2. PERSONALIDADE DE ANA PLÁCIDO

Depois de renunciar ao convento, Ana viveu com Camilo à rua da Picaria no Porto, desafiando de novo a sociedade portuense e os brios do marido. Receando as consequências, refugiaram-se em Lisboa.

Entretanto, Pinheiro Alves apresentou querela contra os dois por crime de adultério. Ana entrou nas Cadeias da Relação em 6 de Junho de 1860, e Camilo no dia 1 de Outubro do mesmo ano. Foram absolvidos da culpa no dia 16 de Outubro de 1861, por faltarem provas de flagrante delito, ou escritos por ele assinados³⁸.

Confinada à cela da prisão, a «mulher fatal» do Romancista encontrou-se consigo mesma e começou a desenvolver a criatividade de escritora. Matéria para os escritos não lhe faltou: além do mais, a experiência pessoal do convento bracarense e a da própria cadeia. Ela mesma declara, na «dedicatória» do seu primeiro livro – *Luz Coada por Ferros* –, como lhe surgiu o desejo de escrever: «Grande parte destes escritos nasceram na calamitosa época do cárcere e do escárneo dos meus algozes, nunca saciados das torturas que me infligiram»³⁹.

Não cabe nestas circunstâncias desenvolver e expor toda a actividade literária de Ana Plácido. Apenas de passagem a referiremos, salientando os

seus dois livros: *Luz Coada por Ferros*, de 1863, assinado com o seu nome Ana Augusta Plácido, e *Herança de Lágrimas* de 1871, assinado com o pseudónimo Lopo de Sousa.

No período de 1859 a 1866, colaborou na imprensa, com artigos assinados por «A.A.» e «A. Augusta»; em 1868, na *Gazeta Literaria do Porto*, e em 1873, no *Almanaque da Livraria Internacional*, usou o pseudónimo Gastão Vidal de Negreiros ⁴⁰.

Omitimos aqui, por demasiado extensa, a lista completa das suas publicações originais e traduções. Apenas chamamos a atenção para o artigo «O Anjo da Fé», datado de 28 de Novembro de 1867 e publicado em Braga, no ano seguinte, no *Almanaque Familiar para Portugal e Brasil* ⁴¹.

Luz Coada por Ferros é o primeiro livro original de Ana Plácido, como já referimos. A autora inspira-se no seu próprio viver, ao compor as várias narrativas de que o livro consta. Pela razão já apontada, merece relevo especial o romancelinho «Martírios Obscuros».

Quanto ao segundo livro – o romance de amor intitulado *Herança de Lágrimas* –, fazemos nosso este juízo de Alexandre Cabral: «Tem-se prestado pouca atenção à obra literária de Ana Plácido, com excepção de *Luz Coada por Ferros*. Todavia *Herança de Lágrimas* tem mérito» ⁴².

Consideremos agora Ana Plácido na sua condição de mulher. E, a este respeito, não há como atender ao período em que Camilo se dizia reduzido à sua «desgraça cerrada e irremediável» ⁴³.

Com o título *Dois Anos de Agonia*, inspirado num escrito do próprio Romancista (*Um Livro*), publicou Júlio Dias da Costa uma valiosíssima colecção de cartas de Camilo e de Ana Plácido a Freitas Fortuna ⁴⁴. Na verdade, os dois anos, a que essa correspondência se refere, constituem a maior provação daquela que já era, nessa altura, esposa do escritor. Não podemos, aqui, ser exaustivos a este respeito. Mas é imperioso, é justo que, embora brevemente, realcemos as suas qualidades humanas manifestadas sobretudo neste período em que teve de enfrentar e suportar um conjunto de realidades pungentes: a cegueira de Camilo, a morte dele e a consequente e saudosa viuvez.

Ao cabo de trinta e um anos de convivência, já ele tem razões de sobejo para falar das «feições desta mártir» (carta de Camilo a Freitas Fortuna em 27 de Setembro de 1889, dia do aniversário de Ana) ⁴⁵. Ela, por seu lado, declarava, por essa altura, a Freitas Fortuna:

Ainda que eu queira escrever-lhe, falta-me o tempo porque ele não consente que um só momento deixe de estar a seu lado e quase sempre a ler, o que me faz bastante mal aos olhos e aos pulmões.

Por enquanto nada temos decidido do futuro; isto é, ele ainda nada resolveu, porque eu estou sempre resignada a todas as exigências deste incompreensível espírito ⁴⁶.

Em jeito de síntese, ouçamo-la numa das cartas ao mesmo destinatário:

A vida torturada! seja, mas sempre é vida. Sempre o tenho aqui a rabujar, a queixar-se; mas que seria de mim sem este estímulo para viver? É no mesmo martírio da existência que eu refaço forças para lutar com energia e vencer os debilitamentos da minha organização...

Adeus, que ele nem mesmo tempo me dá para escrever ⁴⁷.

Esta carta, só por si, revela em Ana Augusta, o apego à vida, ainda que torturada; o amor a Camilo, seu estímulo para viver; a coragem extraordinária, a refazer forças no martírio da vida...

De facto assim foi. Mas, depois da morte de Camilo, Ana fechou-se em Ceide. Dêmos-lhe a palavra:

Passo o tempo sentada numa cadeira, absorta nas minhas recordações, sem forças nem energia para pegar na pena.

(...) Por aqui irei cumprindo o meu triste fadário, até quando Deus se dignar remir-me do martírio da vida ⁴⁸.

3. CONCLUSÃO

Acabamos de versar alguns aspectos da mulher-escritora e da escritora-mulher, focando especialmente a sua ligação a Braga.

O material por nós recolhido e consultado é de tal modo vasto e denso, que impossível nos foi descer a mais pormenores biográficos e bibliográficos, no limitado tempo desta conferência.

Creemos, porém, ter contribuído, nesta, como aliás nos vários actos da comemoração bracarense deste centenário, para que a personalidade humana (e não só literária) de Ana Augusta Plácido seja mais conhecida, para ser apreciada com mais verdade, objectividade e equilíbrio do que tem sido.

Estou convencida de que, apesar de tudo – repito: apesar de tudo –, muito podemos aprender com D.^a Ana Augusta Plácido.

NOTAS

¹ Camilo CASTELO BRANCO, *Nas Trevas*, em *Obras Completas*, Porto, Lello & Irmão – Editores, vol. X, 1989, p. 898. *Nas Trevas*, publicado em 1890, «foi o último livro de Camilo» (DAA, p. 129).

² PCAP, p.7.

³ PCAP, p.7.

⁴ AC, p. 226.

⁵ PCAP, p. 10.

⁶ A propósito, recorde-se que também os avós paternos de Ana Plácido eram da freguesia bracarense de S. Vítor. Cf. MTC, p. 54.

⁷ Arquivo Distrital de Braga, livro dos *Óbitos*, n.º 8, de S. João do Souto, fl. 22v.

⁸ Cf. PCAP, pp. 275-282.

⁹ Servimo-nos de PCAP, p. 283.

¹⁰ Cf. MTC, p. 58.

¹¹ Sobre os negócios de Pinheiro Alves cf., por exemplo, PCAP, p. 18.

¹² LCF, pp. 72-73.

¹³ LCF, p. 94.

¹⁴ CCCB I, p. 135.

¹⁵ DCCB, p. 499.

¹⁶ Camilo CASTELO BRANCO, *No Bom Jesus do Monte*, em *Obras Completas*, Porto, Lello & Irmão – Editores, vol. XI, 1990, p. 773.

¹⁷ Maximiano LEMOS, *Camilo e os Médicos*, Porto, Editorial Inova, 1974, p. 202.

¹⁸ Alexandre CABRAL, *Camilo Castelo Branco / Roteiro Dramático dum Profissional das Letras*, 3.ª ed., Vila Nova de Famalicão, Centro de Estudos Camilianos, 1995, p. 98.

¹⁹ Cf. CCCB II, p. 69.

²⁰ Cf. AC, pp. 261-263.

²¹ AC, p. 263.

²² Cf. AC, p. 264.

²³ Cf. CICA, pp. 95-97.

²⁴ Sobre pormenores do recolhimento, cf. CICA, pp. 95-117.

²⁵ Cf. CICA, pp. 104-105. Francisco de Paula da Silva Pereira privava com Pinheiro Alves, Ana e Camilo. Recorde-se, ainda, que Francisco de Paula, a pedido de Ana, assumiu o papel de mediador entre Pinheiro Alves e Ana Plácido na entrada desta para o convento.

²⁶ LCF, p. 162.

²⁷ Raquel CASTELO BRANCO, *Trinta Anos em Ceide*, Lisboa, Sociedade Editorial ABC, Lda., 1925, p. 105.

²⁸ Cf. RIC, n.º 5 (Novembro de 1981), pp. 52-53.

²⁹ Cf. MTC, p. 96.

³⁰ Cf. CICA, pp. 106-107.

³¹ Cf. CICA, pp. 114-115.

³² Cf. VD, p.7.

³³ Camilo, numa carta ao «prezado Vieira», assume o papel de delator de Ana, por esta, enquanto esperava a reparação na cela do convento, se relacionar com D. Manuel da Prelada. Cf. CONDE DE PAÇO-VIEIRA, *Cartas de Camilo*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1918, pp. 9-10.

³⁴ Cf. VD, pp. 80 e 82.

³⁵ Cf. VD, p. 103.

³⁶ Cf. VD, p. 103.

³⁷ Carta de 3 de Abril de 1860 a Manuel Pinheiro Alves, publicada por José de LIMA,

Correspondência Epistolar sobre a Ida de D. Ana Plácido para o Recolhimento de São Cristóvão em Lisboa, Porto, Editorial Domingos Barreira, s.d. (1944), p. 14.

³⁸ Relativamente aos factos a que alude este parágrafo, cf. *RIC*, n.º 3 (Abril de 1981), p. 74; n.º 6 (Fevereiro de 1982), p. 60; n.º 7 (Junho de 1982), pp. 61, 64 e 65; e n.º 9 (Fevereiro de 1983), p. 84.

³⁹ *LCF*, p. 5. O livro é dedicado "à memória de minha irmã D. Maria José Plácido".

⁴⁰ Cf. *DCCB*, p. 500. Ainda segundo *DCCB*, pp. 500-501, Ana Plácido, aí por 1868, abrandou o trabalho literário, e em 1877 abandonou-o.

⁴¹ 1.º Ano, 1868, pp. 21-22.

⁴² *DCCB*, p. 311.

⁴³ Referimo-nos ao espaço de tempo compreendido entre 1888 e 1890. Cf. *DAA*, p. 146.

⁴⁴ Cf. *DAA*, pp. 7-8.

⁴⁵ Cf. *DAA*, pp. 130-131.

⁴⁶ Cf. *DAA*, p. 136.

⁴⁷ Cf. *DAA*, pp. 143-144.

⁴⁸ Cf. *DAA*, p. 181.